

O PROCESSO CIVILIZADOR: UMA HISTÓRIA DOS COSTUMES

(Trad. Ruy Junqueira; revisão e apresentação Renato J. Ribeiro)
Norbert ELIAS. Rio de Janeiro: Zahar, 1991. 271 páginas.

Marilena Ap. Jorge Guedes de **CAMARGO***

Norbert Elias traz, para o *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*, algumas noções e comentários que remetem o leitor para fora das investigações experimentais e de certas exigências científicas no trato de problemas "históricos". Por outro lado, o leitor se aconchega à investigação que visa ao estudo de documentos da experiência histórica. Não é preciso chegar ao final desse livro para concluir que o discurso de Elias tem uma noção representativa e, por isso, pode figurar entre aqueles que dão um novo perfil à história cultural de hoje. A sua narrativa comporta uma história de sociedades entendidas a partir da formação social que define cada uma delas. Elias mostra ao leitor a possibilidade de se estudar a gênese de cada formação histórica, pois os sistemas de pensamento não podem se revelar adequados para explicar todos os fenômenos históricos, sejam atitudes humanas ou instituições sociais que realmente tenham se desenvolvido em alguma época. "Tais sistemas", diz ele, "isolam os fenômenos de seu fluxo natural, histórico, privam-nos de seu caráter de movimento e processo, e tentam compreendê-los como se fossem formações estáticas, sem considerar como surgiram e como mudam" (p.17).

* Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro e Doutoranda em História e Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

O livro de Elias opõe-se, frontalmente, nos aspectos teórico e empírico, às tendências gerais da sociologia contemporânea e os problemas aí expostos são diferentes daqueles colocados pelo tipo predominante de sociologia e, particularmente, pelos de sociologia teórica (cf. p.223). Elias propõe que, além de se remontar às origens da imagem dos homens como sociedades, da imagem de sociedade, deve se ter em mente o desenvolvimento da imagem dos homens como indivíduos, da imagem da personalidade. Ele não vê a história sem procurar compreender certos processos que operam na história da sociedade, bem como a ordem subjacente à transformação constante da história e às leis que governam a formação de estruturas históricas. Esta maneira de ver de Elias poderá ser melhor esclarecida com a leitura do capítulo terceiro, onde procura compreender certos processos que operam no decorrer da história da sociedade, escarafunchando, no contexto de áreas precisamente definidas, o como e o porquê, no curso da sua história, a estrutura da sociedade ocidental muda continuamente, e ainda comenta porquê, nessas mesmas áreas, ocorrem mudanças no padrão de comportamento e na constituição psíquica dos povos do Ocidente. Por isso, reuniu as transcrições na obra, com o objetivo de exemplificar um processo real, uma mudança no comportamento de pessoas. A elaboração de um dado ritual de relações humanas não pode, para Elias, ser isolada do curso do desenvolvimento social e psicológico. Assim, as pessoas que comiam juntas na maneira costumeira na Idade Média - pegando a carne com os dedos na mesma travessa, tomando a sopa na mesma sopeira... - tinham entre si relações diferentes das de hoje. E tudo isto envolvia o nível de consciência clara, racional, e as suas emoções eram condicionadas a formas de relações e de conduta.

Já no Prefácio e na Introdução, o leitor perceberá que o enfoque dado por Norbert Elias tem amarras nas concepções relacionadas à história intelectual alemã e, em especial, àquelas que condensam a "história das mentalidades" na França.

O conceito de civilização é mencionado de forma a conduzir o leitor a examinar, no Prefácio e na Introdução da Parte I, os significados e entendimentos atribuídos a este conceito na Alemanha e na França. Sendo assim, há uma explicitação do conceito de **civilização** que, na interpretação de Elias, está estreitamente vinculado ao de **cultura**.

De início, **civilização** é entendida como "algo que está em movimento constante" (p.24), enquanto **cultura** (**kultur**, conceito alemão) guarda relação diferente com movimento. "Civilização" significa um mover-se contínuo para a frente; "kultur", por sua vez, não descreve um processo, pois o movimento é de se reportar a produtos humanos nos quais se expressa a individualidade de um povo.

O sentido de "kultur" encontra sua expressão mais clara em seu derivado, o adjetivo **kulturell**, que descreve "o caráter e o valor de determinados produtos humanos" (p.24). Em todo caso, refere-se a fatos intelectuais, artísticos e religiosos no sentido de estabelecer uma linha divisória entre os fatos deste tipo e os fatos políticos, econômicos e sociais.

Diz Elias que o conceito de "kultur" delimita, pois enquanto "civilização" determina

aquilo que é comum aos homens e então não realça as diferenças nacionais que existem entre os povos, "kultur" reflete estas diferenças.

Nestas condições, entende-se que o conceito "kultur" adquire uma acepção rigorosa: acentuador de diferenças nacionais e da identidade particular de grupos. Assim, dentro do processo histórico, este conceito poderá assumir formas diferentes quanto às auto-imagens nacionais que ele apresenta.

Apesar das variedades nos dois conceitos, Elias assinala que há entre as concepções de *kultur* e *zivilisation*, na Alemanha (meados do Séc. XVIII), um contraste social que carrega o germe do "contraste nacional". Isto significa haver um contraste entre o estrato da "intelligentsia" alemã da classe média - que falava alemão recrutado entre os "servidores dos príncipes", burgueses, funcionários públicos e a nobreza proprietária de terras - e a classe "civilizada" - que seguia o modelo francês, era "civilizada" e admitia que falar esta língua era o símbolo do *status* de toda a classe superior. Elias distingue, neste contraste entre "cultura" e "civilização", o que Kant teria expresso sobre antíteses específicas de sua sociedade em conceitos correlacionados: "'cortesia' externa enganadora vs. 'virtude' autêntica" (p.29).

É a partir da ascensão da burguesia alemã, a qual passa de uma classe de segunda categoria para depositária da consciência nacional e, depois, para classe governante, que a antítese entre *kultur* e *zivilisation*, referida por Elias, muda de conotação. É assim que, ao longo da história, esta antítese de "primariamente social torna-se primariamente nacional" (p.47). Ainda de acordo com Elias, numerosas características alemãs de classe média, como a honestidade e a sinceridade, transformam-se de características sociais em nacionais.

No relato de Elias aparece um outro conceito, *barbárie*, amarrado como contraconceito ao de *civilization*. O termo "barbárie" designa "os que vivem de maneira mais simples, mais incivilizada ou mais bárbara" (p.62). Não está manifesto, no termo "barbarie", o elemento que define civilização: "é um processo que deve prosseguir" (p.62). O elemento contido no termo *civilization* se refere a "algo em movimento constante, isto é, movendo-se incessantemente para a frente" (p.24).

Na Parte II, do Capítulo II, Elias indica vários temas sobre Costumes, seguidos de exemplos e comentários. Assim, do costume de comer carne; do uso do garfo à mesa; do uso da faca à mesa; as mudanças de atitude em relação a funções corporais; as mudanças de atitudes nas relações entre sexos; as mudanças na agressividade; do hábito de assoar-se; do hábito de escarrar. Também, do comportamento no quarto, até às cenas da vida de um cavaleiro medieval.

Aqui, não se faz exame detalhado da narrativa em relação aos costumes. Apenas persegue-se a forma como Elias relata esses costumes, os quais chama de "fenômenos triviais" e em que contexto eles são perceptíveis e acessíveis. Concorde-se em que os **fenômenos triviais** nos dão intuições claras e simples da estrutura e desenvolvimento da psiquê e suas relações, apesar de parecerem insignificantes quando comparados com aqueles

que se classificam como importantes em nossa escala de valores (p.125).

Em **O Processo Civilizador**, Elias manifesta a sua intenção primeira: recuperar, dentro de uma área limitada, a percepção perdida do processo civilizador, da transformação peculiar do comportamento humano e a compreensão de suas causas. Reunir, depois, as intuições teóricas encontradas no caminho. Deixa em evidência outra intenção, ao dizer que surgem com a civilização gradual muitas dificuldades específicas civilizacionais e que ainda falta compreendermos por que concretamente nos atormentamos desta maneira.

A intenção de Elias é obter uma compreensão de como realmente operam esses processos civilizadores em nós e a nossa volta, a fim de torná-los acessíveis a um controle mais consciente. Nesta obra, o autor não trabalha propriamente com comportamentos como sendo atitudes e reações dos indivíduos diante do meio social, mas enquanto materializações da vida social e mental. O que lhe importa é considerar "reais" as situações que não são visíveis.

Com Norbert Elias, em **O Processo Civilizador**, nota-se uma abertura da historiografia nos dias de hoje: pelos "novos objetos" e as fontes utilizadas, como os manuais de regras, de atitudes corporais com mutações de significados, das maneiras usuais; as representações das leituras, como Callières que no seu "Du bon e du mauvais usages dans les manières de s'exprimer", se refere a certa expressão que a civilidade introduziu entre pessoas que falam corretamente; os tratados, contendo as regras da sociedade cortês, o "De civilitate morum puerilium", de Erasmo de Rotterdam (1467 a 1536), sobre "problemas de educação e decoro" no qual o autor ressalta o conceito de civilidade; as coletâneas de versos mnemônicos sobre etiqueta, um instrumento de demonstração de poder das diferentes camadas da nobreza.

O estudo de Elias, sem dúvida, delimita um campo de observação pela história dos objetos, como ele mesmo diz no Prefácio: "um campo de observação que até agora só escassamente foi visitado e empreende os primeiros passos na busca de uma explicação".

(Recebido para publicação em 31.05.93 e
liberado em 02.09.94)